UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

# A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO PSÍQUICA INFANTIL[1]

*Fábio Júnior da Fonseca*[2]
*Drielly da Silva Paiva*[3]

## RESUMO

*Este artigo tem como base teórica a Psicanálise, conhecida por se estabelecer enquanto um método terapêutico e técnica criada por Sigmund Freud, utilizada por psicanalistas para realizar interpretações de questões inconscientes, conscientes e imaginárias. A pesquisa se desenvolveu por meio de uma revisão bibliográfica sobre o processo de subjetivação psíquica infantil perante a influência dos contos de fadas, estabelecendo como objeto central de pesquisa a identificação psíquica das crianças com os personagens e narrativas dos contos de fadas. Dessa forma, buscou-se problematizar o mundo psíquico infantil para compreender como se dá a formação do psiquismo infantil em decorrência da influência dos contos de fadas, visto que os contos estão repletos de significados profundos que contribuem para o desenvolvimento dos sentimentos e emoções das crianças. Como esses contos que trazem bruxas, heróis, vilões, lobos, deuses, demônios, entre outros seres míticos podem e, com certeza, contribuem para a formação da subjetividade e ajudam no desenvolvimento dos sentimentos da criança. Assim, ao longo do trabalho, abordamos como as crianças podem, através do auxílio dos contos de fadas, se identificar com os sentimentos que os personagens apresentam. Cabe ressaltar que os contos literários têm a capacidade de mexer com o imaginário do sujeito onde muitos se colocam no lugar do vilão em alguns momentos, mas também do herói em outros. Todo esse movimento trabalha o imaginário do ser humano e quando esse humano ainda está com seu imaginário em formação, os pareamentos de sentimentos podem ser descobertos pelo mesmo, tendo então a criança alcançando um entendimento melhor sobre o sentimento ou até buscar um abrigo no próprio.*

**Palavras-chave:** Subjetivação Infantil. Psicanálise. Elaboração.

## INTRODUÇÃO

O cuidado com a saúde mental é uma das ações mais importantes que se configuram no cotidiano das pessoas, embora nem sempre esse cuidado seja bem compreendido – como se pode compreender nas informações que se tem ao longo da história da chamada civilização ocidental. Contudo, há momentos

[1] Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, apresentado sob o formato de artigo científico, como condição para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, de Barbacena – MG.

[2] Aluno do curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, de Barbacena. Matrícula nº 182-000299. Endereço eletrônico: 182-000299@aluno.unipac.br

[3] Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, de Barbacena. Matrícula nº 182-001912. Endereço eletrônico: 182-001912@aluno.unipac.br

em que esse tipo de cuidado se torna emergente e que demanda reflexões e soluções a curto prazo, de forma a garantir o bem-estar psíquico. Tomemos, como exemplo, a pandemia de COVID-19, que se mostrou como um momento complexo e trouxe para muitos a vivência da angústia da ignorância e da finitude – temas que, via de regra, as pessoas negam nas suas vivências normais.

Em momentos assim, a ciência se apresenta como importante aliada para trazer compreensões plausíveis e, se possível, algumas respostas tranquilizadoras. Uma dessas abordagens é, sem dúvida, a teoria psicanalítica que, em seu arcabouço, se propõe a apresentar possíveis explicações para questões complexas. Como sabemos, a psicanálise se caracteriza como um método de tratamento voltado para o sujeito e para suas demandas, buscando no inconsciente do sujeito, através da fala, aquilo que o próprio sujeito não consegue identificar de forma clara, influenciando diretamente a forma com que conduz sua vida, como ele entende e lida com a dor, o medo, a alegria, os sentimentos e tudo que está direta ou indiretamente ligado a ele. Em suma, a psicanálise tem o papel de ajudar o indivíduo a encontrar a origem e interpretar seus conflitos internos na busca pela superação dos problemas e minimização do sofrimento.

Aspectos antes tidos como desprezíveis ou não científicos podem ser de interesse da psicanálise. Dentre eles, podemos citar os contos de fadas, que continuam sendo contados e desempenham papel importante na relação entre a criança e seu mundo. Com uma linguagem clara e bem estruturada, os contos de fadas fornecem à criança as elaborações necessárias para construírem sua própria interpretação de mundo e de como lidar com os sentimentos que surgem nessa trajetória da vida.

Os contos despertam o interesse das crianças, pois ocorre uma identificação com os personagens da história narrada – uma identificação inconsciente, pois. Assim, a primeira elaboração da criança por um determinado sentimento tende a ser a construção das elaborações futuras em detrimento a

esse mesmo sentimento, ou seja, a primeira elaboração vai ser a pedra angular para as elaborações posteriores a esse mesmo sentimento.

Sendo assim, o presente trabalho visa a analisar e compreender como os contos de fadas influenciam na formação do inconsciente e auxiliam a criança a entender seus sentimentos. Os contos de fadas vão ao encontro do imaginário da criança, transformando-se em uma excelente ferramenta na construção da elaboração, pois a criança pode identificar-se com o personagem se estiver passando por algum momento semelhante ao dele. Uma criança que está com medo pode se identificar com o medo do herói. Portanto, entender como esses contos estão diretamente ligados a formação do inconsciente, sem dúvidas vai auxiliar no tratamento de crianças e adultos.

Este é, pois, o tema que buscamos discutir com o presente trabalho acadêmico; as relações entre a criança e o mundo – o seu mundo – mediado pelos contos de fadas nos seus vários formatos de entender o ser humano nas diferentes fases do seu desenvolvimento.

## 1 A CRIANÇA E O UNIVERSO DOS CONTOS INFANTIS SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Em um determinado dia, em um lugar qualquer, uma criança ganha um presente em seu aniversário. Muito empolgado, ela rasga o embrulho colorido e retira dele um objeto composto por uma imagem que reflete um outro eu de si mesmo, uma imagem tão jubilosa que é capaz de despertar o aspecto mais profundo e narcísico desse sujeito. Esse presente é um espelho e essa narrativa se constitui como uma representação do tópico desenvolvido por Lacan e denominado de estádio do espelho. Eis o que ele comenta:

> […] o filhote do homem, numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda sim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já se reconhece não obstante como tal sua imagem no espelho. […] logo repercute, na criança, uma série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos

> assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações (LACAN, 1966/1998, p. 96).

A partir disso e como apontado por Bettelheim (1985), existe uma grande variedade de eventos psicológicos que empurram o jovem humano para fora da primeira infância, conduzindo-o à segunda, ou seja, excepcionalmente quando a criança começa a ser tentada pelo mundo externo e consegue sair dos limites relacionais com seus pais, os desapontamentos edipianos começam a induzir um desligamento psicológico, gerando assim a capacidade de a criança obter alguma satisfação emocional de aspectos que não se limitam somente ao seu grupo familiar. Quando isto acontece, os novos desafios caracterizados por esta expansão demandam a busca por uma satisfação, mesmo que fantasiosa, para que a criança não seja levada ao desespero, assim como apontado pelo autor supracitado:

> Se qualquer um desses vários passos que a criança está dando ao crescer pudesse ser visto isoladamente, poder-se-ia dizer que a capacidade de tecer fantasias para além do presente é a nova aquisição que torna possíveis as demais - porque torna suportáveis as frustrações experimentadas na realidade. [...] só as esperanças e fantasias exageradas de realização futuras podem equilibrar os pratos da balança de modo que ela possa prosseguir vivendo e lutando. [...] embora a fantasia seja irreal, as boas sensações que ela nos dá a respeito de nós mesmos de nosso futuro são reais, e essas boas sensações reais são aquilo de que necessitamos para nos sustentar (BETTELHEIM, 1985. p.180).

Sendo assim, os contos de fadas se constituem como um campo fértil para o desenvolvimento do pensamento e da imaginação da criança. Esses contos, apesar de trazerem animais e seres místicos como dragões, unicórnios, cavalos alados, fadas, duendes, ogros entre outros seres, trazem também a possibilidade de a criança entrar nesse mundo de fantasias e aventuras através do seu imaginário. Quando é contado para a criança apenas metade de uma

história, ela continua imaginando as questões do herói em seu conturbado processo de libertar princesas. Essas questões fazem com que o sujeito também traga para si os medos dos desafios de seu próprio mundo.

> É necessário que saibamos que as frustrações que as crianças experimentam, as dificuldades que têm que vencer, não vão além daquilo que todos nós encontramos em circunstâncias normais. Mas, uma vez que na mente da criança essas dificuldades são as maiores possíveis, ela necessita do encorajamento de fantasias em que o herói, com o qual pode se identificar, encontra com sucesso o seu caminho a partir de situações incrivelmente difíceis (BETTELHEIM, 1985. p.181).

Com isto, um conto de fadas se caracteriza como um objeto regado de fantasias, recuperação, escape e consolo. Esses elementos são essenciais para um bom conto e, principalmente, para trabalhar o inconsciente da criança, na medida em que a *recuperação* é o momento em que o herói começa a se livrar de um desespero profundo; o *escape* está ligado ao grande perigo do qual o herói consegue se afastar e o *consolo* é o momento de todas as recompensas, onde toda trajetória foi cumprida e agora o que resta é viver a glória da conquista. Dessa forma, como enfatizado por Silva (1968, p. 108) “se o mundo objetivo nega essas realidades, o mundo subjetivo faculta a realização dessas mesmas realidades através da imaginação”.

Assim, todo esse movimento que os diversos contos vêm trazendo vai atravessando a formação da subjetividade da criança. Ademais, há que ser dito que o herói passa por toda o conto sem ser desonesto e nem desonroso ou dispondo de artimanhas que prejudiquem terceiros para vencer o terrível vilão mas, ao contrário, ele se pauta pela bondade, pela valentia e pelo preceito do amor ao outro. Esses métodos heroicos dos contos vão ao encontro da formação do Supereu.

> Nas aventuras dos heróis, as crianças se sentem como que independentes. Vêem-se, por assim dizer, compensadas da

> tirania dos grandes, da prepotência dos adultos. transferem para a figura do Valente o próprio desejo de uma revanche no lar, ao qual têm que ser submissas e, por isso mesmo, uma revanche impossível de se verificar na realidade (SILVA, 1968, p.109).

Porém, é importante enfatizar que as histórias infantis nem sempre foram infantis, originalmente elas eram destinadas aos adultos, não havia esse caráter preventivo para as crianças e não havia uma moral para ser passada; as histórias estavam apenas no contexto “das narrativas maravilhosas da tradição oral [que] poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno” (CORSO e CORSO, 2006, p.16). As narrativas dos contos de fadas, como existem nos dias atuais, são criadas com a invenção da infância no século XIX, sendo assim, as histórias ganham um novo fôlego e também um novo alvo, agora as crianças são as grandes contempladas com as narrativas que vão direto ao imaginário. Desta forma, trazer as narrativas para o mundo infantil só faz enriquecer e desenvolver o mundo psíquico das crianças, uma vez que os contos passam a nortear as crianças para o entendimento de seus sentimentos e emoções.

> Assim, a infantilização das narrativas tradicionais, transformadas nos atuais “contos de fadas”, é concomitante à criação de um mundo próprio da criança e ao reconhecimento de uma “psicologia infantil”, da qual mais tarde a psicanálise viria a se destacar radicalmente (CORSO e CORSO, 2006, p.16).

Há que se considerar que também na vida adulta os contos de fadas desempenham um papel, saindo de um simples passatempo das noites de frio para tornar parte da formação da psique do indivíduo.

### 1.1 A Psicanálise na narrativa infantil

A Psicanálise traz, em seus primórdios, para o entendimento da psique infantil, um conto: a tragédia de Édipo. Nele temos o entendimento do filho que quer tomar o lugar do pai para ter a mãe somente para si. Pois bem, o pai é visto

como o herói pela criança, ele é seu protetor e detentor do poder, aquele no qual a mesma pode confiar, pois sabe que sempre estará segura ao seu lado; mas, paradoxalmente, ele é o seu maior rival, aquele que toma de si seu bem maior – a mãe, mas como duelar pela mãe com esse rival e protetor? Aqui temos uma dualidade que o conto de fadas ajuda a criança a elaborar, Bettelheim (1985) em seu livro “A psicanálise dos contos de fadas”, traz a seguinte comparação do Édipo com os contos de fadas, onde a criança pode elaborar o pai como o dragão que aprisiona a princesa, sendo essa princesa sua mãe. A criança consegue sustentar esses entendimentos não de forma lúcida e clara, mas os trabalhada em seu inconsciente.

> Podemos dizer várias vezes a um menino pequeno que algum dia ele crescerá, se casará e será como seu pai – sem qualquer resultado. Tal conselho realista não oferece nenhum alívio às pressões que a criança sente neste exato momento. Mas o conto de fadas lhe mostra como pode viver com seus conflitos; sugere fantasias que ela nunca poderia inventar por conta própria. O conto de fadas por exemplo, oferece a história do menino pequeno que passa despercebido, mas que parte para o mundo e obtém grande sucesso na vida. Os detalhes podem diferir, mas a trama básica é sempre a mesma: o herói improvável se põe à prova matando dragões, resolvendo charadas e fazendo uso de sua esperteza e bondade para viver, até que finalmente liberta a bela princesa, casa-se com ela e vive feliz para sempre (BETTELHEIM, 1985. p.159).

Os personagens dos contos de fadas também contribuem de forma extraordinária para o entendimento da criança em relação às emoções humanas, uma criança sente raiva, mas ela não sabe como entender ou até mesmo nomear esse sentimento. Quando o herói é tomado por esse mesmo sentimento ao ter sua amada retirada de si por uma bruxa má, a criança identifica esse sentimento e começa a elaborar que tal acontecimento é pertinente ao ser humano, colocando-se no lugar do herói e entendendo os motivos pelo qual ele está disposto a enfrentar tantas provas por um amor.

As narrativas desses contos não devem ser colocadas à criança com uma intenção didática, pois não é essa a questão nuclear dos contos. Os contos, em si mesmo, já trabalham na criança o conhecimento próprio e o entendimento de elaborar resoluções de problemas que a perturbam. Há que se ressaltar que os contos de fadas vão ser passados para a próxima geração por um contador que, de algum modo, teve sua história significada por aquele conto, ou seja, a história já vem carregada de uma lembrança do próprio contador:

> Se os pais contam as estórias de fadas para o filho, dentro do espírito adequado - isto é, com sentimentos evocados dentro de si próprio tanto pela lembrança do significado que a estória teve para ele quando criança, quanto pelo seu significado atual diferente, e sensível às razões pelas quais a criança também pode construir algum significado pessoal ao ouvir a estória - então, quando ouve, a criança as compreende, com seus anseios mais ternos, os seus desejos mais ardentes, suas ansiedades e sentimentos de miséria mais agudos, bem como com as mais elevadas esperanças (BETTELHEIM, 1985. p.218).

A forma de contar a história para a criança também tem seus efeitos, o contador pode colocar emoção na história com a sua entonação de voz, suas expressões faciais, a forma que se coloca em cada cena narrada para a criança vai fazer a narrativa entrar em contato com a imaginação do ouvinte, mas se o mesmo contador faz por obrigação e apenas lê as palavras frias em uma folha de papel, a história pode perder muito de seus efeitos.

> Contar histórias sempre foi e continua a ser uma forma como as pessoas não apenas expressam suas intencionalidades, afetividades e experiências, como também uma maneira como se perpetuam conceitos, criam-se outros e se constroem novas realidades. Muitas teorias são geradas, nesse sentido, buscando-se métodos ou formas de se falar de si e da sociedade (SQUIRE, *apud* FREITAS, 2013, p. 91).

Sendo assim, pode-se notar que a forma como o conto é passado para o ouvinte também se torna muito importante para a elaboração e para o anseio da criança em terminar a história, ou seja, a participação do contador deve ser ativa em suas palavras, pois o mesmo tem um papel importante em todo esse movimento de encantar a criança. Todo o cenário já está montado para uma boa história, pois a mente humana é fértil e os pensamentos são fluidos, a mente de uma criança de cinco anos é um campo fértil pronto para ser adubado com imagens misteriosas e seres míticos, seres esses que também carregam os mesmos sentimentos que ela mesma experimenta.

> A avó amorosa, que conta um conto para a criança que, sentada no colo dela, o ouve extasiada, comunicará algo bem diferente de um pai que, chateado pela estória, lê o conto para várias crianças de idades diferentes, por obrigação. O sentido adulto de participação ativa na narração dá uma contribuição vital para [a criança], e enriquece muito as experiências da criança sobre a estória. Isso implica em uma afirmação da personalidade da criança através de uma experiência específica compartilhada com outro ser humano que, embora adulto, pode apreciar integralmente os sentimentos e as reações da criança. (BETTELHEIM, 1985. p.219).

De acordo com Bruner (*apud* FREITAS, 2013), não importa se a narrativa é real ou imaginária, o importante é a mesma não perder seu valor como história, contendo uma qualidade dramática por parte do contador para que o ouvinte possa produzir uma construção imaginária dos eventos narrados, fazendo um entrelaçamento entre o mundo real e o imaginário. A Psicanálise, nesse sentido, vai ao encontro desse movimento de entender os fatos narrados e entrelaçar com os acontecimentos propostos. Os contos e a Psicanálise têm o mesmo ponto em comum que é o uso da linguagem. Freud (1893-95/1987), ao propor a associação livre para entender o que se passa com seus pacientes, propõe que o sujeito pode ser entendido através da linguagem. Da mesma forma que o sujeito pode colocar em palavras os representantes dos conteúdos recalcados, é também através da fala que o inconsciente pode ser alcançado. Os contos de

fadas, por sua vez, têm esse poder de alcançar o inconsciente da criança, trazendo então de forma lúdica um entendimento sobre coisas do mundo real.

> Associando o mito à psicanálise, nessa correlação entre teoria científica e conto tradicional, fictício ou "improvável", Beividas (2001) assume que não restam dúvidas de que o solo em que operam a psicanálise e o mito possa ser o mesmo. Levanta exemplos dos mitos como Édipo e Narciso, que tanto habitam a instituição básica da psicanálise freudiana e, ressalta que, em Jung, os mitos vão determinar toda a sua teoria (FREITAS, 2013, p.7).

Dessa forma, os mitos fazem parte da Psicanálise para explicar os acontecimentos da vida adulta, esses mesmos mitos podem influenciar diretamente a formação da subjetividade da criança, portanto, a relação entre a linguagem, a Psicanálise e os contos é um estreito laço que pode facilitar o acesso ao sujeito escondido pelas armadilhas da razão e de tudo o que despreza o que não é racional e que não se pode provar ou demonstrar.

A partir disto, para abordar a importância das narrativas, é necessário antes que tracemos um resumo pautado pela contextualização histórica do seu surgimento. De acordo com Bruner (1997, *apud* FREITAS, 2013), as narrativas surgem contrárias à lógica positivista e volta o foco para os processos de interação humana. Porém, mais adiante, é possível passar a associar as narrativas a um campo multifacetado que envolve claramente experiências e emoções construídas por uma aplicação imaginativa. Em outras palavras, "é uma possibilidade de alcance de boas histórias [...] que embora não necessariamente verdadeiros, guardam a potencialidade de existir através de sua verossimilhança" (FREITAS, 2013, p. 91). Dessa forma, em um momento histórico onde tínhamos presentes uma psicologia de cunho científico, passa a emergir em resposta uma "psicologia cultural" voltada para as condições humanas e que utiliza como método a linguística para produzir significado e explorar toda estrutura do conteúdo narrado:

> A observação e análise daquilo que é expresso na narrativa permitiria exploração da natureza do conteúdo narrado desde que consideradas as condições do contexto em que é revelado, levando ao entendimento de uma forma de raciocínio peculiar a tal contexto, reforçando aí, o caráter de interação entre a cultura e a mente humana (BRUNER, 1986, *apud* CORREIA, 2003).

Nesse sentido, para a compreensão do que é a narrativa, é preciso caracterizar alguns tópicos universais que se iniciam na estruturação do tempo, utilizado aqui não de forma cronológica, mas demarcado por eventos importantes. Ou seja, *caminhar* pelo tempo livremente se torna possível juntamente a uma disposição sequencial da narrativa como a subjetividade daquele que a lê demandar. Em um segundo momento, temos as características *emocionais* não determinadas limitadamente ao contexto de causa-efeito, mas sim como um campo aberto que permite a interpretação e a internalização própria desses sentimentos e, por fim, deve existir a *contestação*, ou seja, como já supracitado é a possibilidade da disposição das diversas singularidades que constituem o leitor e o narrador.

> O rompimento com o canônico deve existir como um dos pontos fundamentais da caracterização da narrativa, possivelmente porque o inusitado para a natureza humana é o que mais sensibiliza e chama atenção. Aquilo que foge ao comum é algo que precisa ser entendido, organizado, narrado. Assim, o sujeito que narra entra com a “sua voz", a sua marca de singularidade e o jeito como vai articular essa fala tem, portanto, relação com a sua cultura, com o seu contexto, mas não deixa de prescindir de suas marcas pessoais (FREITAS, 2013, p.92).

Ou seja, a verdade do conto não é dada pelo contador, mas construída através da interpretação do ouvinte, a verdade aqui não se trata da veracidade dos contos narrados, mas sim da verdade subjetiva do entendimento dos significantes pelo ouvinte. Em outras palavras, a verdade não está posta pelo contador de histórias, por mais que ele possa tentar colocar seu entendimento no conto o ouvinte sempre vai subjetivar as narrativas para assim fazer suas

próprias amarrações de entendimento do mundo de acordo com suas demandas psicológicas.

> Apossamo-nos dos signos com a mesma violência com que eles se apossam de nós. O signo não espera docilmente pela nossa inteligência, até porque inteligência e docilidade não habitam o mesmo espaço. Não há inteligência sem violência, assim como a verdade não é o lugar do gozo. (GARCIA-ROZA, 1990, p. 9).

Dessa forma, podemos imaginar a situação em que um adulto conta uma história para uma criança, assumindo o papel de narrador dos atos que acontecem nos contos. As palavras escritas juntamente com as gravuras expostas nas histórias dos livros levam o imaginário da criança a trabalhar, na medida em que são carregadas de significados e significantes. Sendo assim, a história contada pode carregar significantes diferentes para o contador e para aquele que está ouvindo o conto. Esta relação se dá devido à alta capacidade dos signos de invadir o ser de uma forma avassaladora, não é algo que chega para o sujeito e espera uma permissão para entrar, ele simplesmente adentra e calcifica sua morada.

## 1.2 A palavra infantil e suas significações

Com isso, a palavra é encarregada de transmitir alguma mensagem que vai ao seu interlocutor carregada de significantes, ou seja, carregada da verdade de quem a diz, mas o entendimento da mensagem pode não representar o mesmo que representa ao locutor. Assim, os signos transmitidos pelo falante e os signos criados pelo ouvinte vão ser de outra ordem, apesar de serem construídos através da mesma mensagem, deixando claro então que a palavra está diretamente relacionada com a construção da subjetividade e, por consequência, com a construção da verdade do sujeito, assim como apontado por Freitas (2013, p. 94), “torna-se possível tentar relacionar o poder de uma narrativa cultural na re(construção) das narrativas pessoais, por meio da assunção de novos significados aos primordialmente apresentados”. Este aspecto de reconstrução acaba por nos remeter também o papel da Psicanálise

de buscar auxiliar o sujeito na reinterpretação presente de eventos importantes para ele, para que seja possível redefinir significados e enredos. Porém, voltando o foco para o uso da linguagem, é importante compreender que o entendimento da palavra já está dividido entre o que transmite o conto e aquele que ouve o conto, isso se demarca porque a mesma história pode transmitir valores e entendimentos diferentes para pessoas da mesma geração e do mesmo convívio sócio-histórico.

Cabe ressaltar que a palavra não carrega consigo apenas o direito de entender os signos transmitidos ou transformá-los em seus próprios signos. A palavra é viva, fluida, acompanha os desdobramentos temporais e é atemporal ao mesmo tempo. Desta forma, ela carrega várias formas de envolver o ser, demonstra uma capacidade de persuasão e de sedução dos seres claramente representado na história contada à criança, por exemplo, se uma criança está começando a mentir muito para seus pais, por que não lhe contar a história do Pinóquio e as consequências da mentira e permitir que a transmissão da mensagem através da palavra chegue a ela?

> Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja no ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1994, *apud* FREITAS, 2013, p. 95).

Como exemplo, podemos pensar o caso apresentado por Alves (2007) em seu artigo “Utilização de contos de fadas e atividades simbólicas na compreensão de crianças vítimas de violência”, onde a criança C2, com idade de 5 anos e 11 meses, morava com sua mãe e sua irmã em uma casa na periferia em um bairro extremamente violento e hostil. Dentre os relatos apresentados, constatou-se que a mãe trabalhava vendendo produtos em domicílios, enquanto suas filhas ficavam sozinhas em casa. O pai das crianças não era presente devido a uma violência física que ocorreu entre ele e a mãe das crianças.

> Segundo Simons e colaboradores (1991), a personalidade hostil e agressiva contribui para a parentalidade severa, uma vez que os pais tendem a utilizar comportamentos agressivos para com as pessoas em geral, incluindo os próprios filhos. Neste sentido, vale colocar em evidência um episódio observado pela pesquisadora na ocasião da coleta de dados, em que a mãe de C2 foi vista chegando no CIC ansiosa e descontrolada, agredindo verbalmente em voz alta algumas pessoas presentes em uma das filas (ALVES, 2007, p. 95).

Outro aspecto importante a se considerar é o isolamento que as crianças viviam, uma vez que a mãe não tinha condições financeiras para levantar um muro no quintal e, por isso, as filhas não podiam brincar livremente. Pois, como supracitado, tratava-se de um bairro perigoso e os vizinhos violentavam as meninas. A partir disso, a autora utiliza o conto da Cinderela com a paciente como ferramenta psicoterápica. C2 apresentava claros relatos de identificação com os aspectos marginalizados e vitimizados da personagem. Ao contar sua versão da história, apresentava Cinderela como uma vítima passiva, utilizava voz baixa, aguda e a personagem para ela carregava sentimentos de medo diante da ameaça da mãe-madrasta e trazia em seu relato uma identificação com a prisão da Cinderela no castelo como sendo a sua casa, sem poder sair para brincar.

> O impacto das narrativas sobre os conteúdos verbalizados durante as sessões pôde ser observado de diferentes formas em cada participante. De maneira geral, a participante C2 foi a que mais agregou elementos da narrativa aos de sua realidade de vida, muitas vezes expressando alguns aspectos vivenciados, incluindo o contexto da violência intrafamiliar e a negligência (ALVES, 2007, p. 116).

Para Freud (1893-95/1987), a criança cria seu mundo próprio a partir de um tempo nada lógico, a narrativa se mistura com as lembranças do que a criança já viveu, vive e que deseja viver. A simbologia dos contos de fadas torna possível abordar situações conflituosas e seus possíveis meios de superação.

> Conforme Ferro (1995), o conto permite que a criança viva em outro lugar e outro tempo, seus medos mais inconfessáveis, justamente por

> estarem relacionados às pessoas que mais preza como a mãe e o pai, ou ainda por representarem aspectos seus (PEREIRA e LEMOS, 2013, p. 108).

Para além, Freud (1918 [1914]/1976) demonstrou em seu trabalho “História de uma neurose infantil – o homem dos lobos” como os contos de fadas podem influenciar a formação da subjetividade. Na obra, o homem que se encontrava em tratamento com Freud compartilhou um sonho, nesse sonho uma janela se abre e ele se depara com uma grande árvore onde estavam sentados sobre seus galhos seis ou sete lobos brancos com caudas de raposas. Relata ainda que quando criança tinha medo de um livro de contos de fadas em cuja capa havia um lobo ereto, assustador, de grande boca aberta, pronto a devorar (castrar). Deste modo, já nos aponta que o livro de contos de fadas ao qual o homem se referia, de certa forma marcou sua infância, há de se ressaltar que o mesmo livro por diversas vezes foi usado por sua irmã mais velha para lhe fazer medo, reforçando então a figura do lobo em sua subjetividade.

> Sempre vincularia este sonho à recordação de que, durante esses anos da infância, tinha um medo tremendo da figura de um lobo num livro de contos de fadas. Sua irmã mais velha, que lhe era superior, apoquentá-lo segurando essa figura específica na sua frente, sob qualquer pretexto, para que ele ficasse aterrorizado e começasse a gritar (FREUD, 1918 [1914] /1976, p. 32).

Em seu tratamento com Freud, o homem também recordava de um conto que seu avô narrava quando criança, de um alfaiate que teve sua casa invadida por um lobo através da janela e, após o alfaiate ter arrancado sua cauda, o lobo fugira. Deste modo, pode-se notar como as histórias contadas a esse homem em sua infância marcou sua subjetividade de tal forma que o mesmo as reproduz em seu tratamento, correlacionando esses com os acontecimentos de sua vida. Fica claro então, como os contos de fadas estão diretamente ligados à formação da psique humana e como os mesmos ajudam as crianças a entender o mundo em sua volta.

Freud (1918 [1914]/1976) comenta em seu trabalho:

> Se, no caso do meu paciente, o lobo foi simplesmente um primeiro representante paterno, surge a questão de saber se o conteúdo oculto nos contos de fadas do lobo que comeu os cabritinhos e de “Chapeuzinho Vermelho” não pode ser um medo infantil do pai (FREUD, 1918 [1914]/1976, p. 32).

Esse contexto traz a influência dos contos na subjetividade da criança, pois nesse momento a criança apresentava um grande medo de seu pai e, em seus sonhos, o pai era representado como a figura do lobo, figura essa que também representava o medo em sua vida.

> Concluímos também, da primeira análise incompleta do sonho, que o lobo pode ter sido um substituto do pai; de tal modo que, nesse caso, esse primeiro sonho de ansiedade teria trazido à tona o temor ao pai, que a partir dessa época iria dominar a sua vida. (FREUD, 1918 [1914]/1976, p. 36).

O trecho em que o paciente de Freud está na escola secundária e se sente intimidado por um professor de nome Wolf, que em alemão significa *lobo* ratifica mais uma vez que os contos influenciam diretamente na formação da psique mostrando novamente que as questões dos contos infantis estão diretamente ligadas aos sentimentos presentes no paciente em relação às suas vivências. Esse professor, em algum momento, repreendera o homem sobre uma má tradução feita. Assim, o homem começou a ter sentimentos piores em relação ao professor e, posteriormente, transferiu tais sentimentos a outros professores da instituição. Sendo assim, fica claro a subjetivação do sujeito em relação aos contos, nos quais seu pai e as autoridades estão completamente atrelados. O pai é uma imagem de autoridade, uma imagem castradora e que detém todo o poder, principalmente no contexto da época. Freud já havia demonstrado a íntima relação entre a imagem do pai e o medo do lobo. O dito professor, então, carregou consigo ambas as representações inconscientes (a autoridade pelo fato de ser professor e detentor do saber e seu nome, que trazia o significante lobo, que tão ferozmente o repreendera).

> O professor que ensinava latim chama-se Wolf. Desde o começo sentiu-se intimidado pelo professor, e este certa vez repreendeu-o severamente por haver cometido um erro estúpido num texto traduzido do latim. A partir de então não conseguiu livrar-se de um medo paralisante em relação a esse professor, o que em breve se estendeu a outros mestres (FREUD, 1918 [1914]/1976, p. 32).

Por fim, é importante enfatizar que os contos de fadas resistem ao teste do tempo, as inovações tecnológicas estão a todo o momento atropelando a vida cotidiana, mas os contos e mitos estão intactos sem perder seu lugar de importância em meio à sociedade, os mesmos atravessam o mundo por meios físicos e também digitais, concorrem com jogos de última geração feitos para entreter e prender a atenção das crianças em meio ao turbilhão de acontecimentos que é apresentado através dos jogos. Então, como uma simples história de uma menina e um lobo pode encantar uma criança e concorrer com toda essa tecnologia? O jogo e todo esse entretenimento eletrônico vão trazer estimulação visual, por vezes podem até criar uma circulação maior de adrenalina na criança, mas o conto, esse vai estimular o imaginário, uma criança sozinha na floresta já pode ser aterrorizante. Agora não bastando isso, ainda tem a presença de um lobo, lobo esse que corre loucamente para a casa da avó que está sozinha e desprotegida. Essa pequena narrativa já basta para deixar qualquer imaginário fervendo de ideias, de medos, de apreensão, entre outras coisas. Não é possível imaginar um jogo com toda a sua tecnologia trazer uma estimulação da psique como um conto bem narrado.

> Na linha inaugurada pelo psicanalista austríaco Bruno Bettelheim, afirmam que a capacidade de sobrevivência dos melhores contos de fadas, que continuam encantando crianças das gerações dos computadores, videogames e jogos de RPG, consiste em seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje. A leitura da pesquisa detalhada e delicada que o casal Corso conduz ao longo deste livro nos faz ver que o atual império das imagens não retirou a força das narrativas orais (CORSO e CORSO, 2006, p.16).

Desta forma, é possível perceber que muitos contos resistiram ao teste do tempo, não por ser bons contos escritos ou contados, mas por trabalhar o imaginário daqueles que os ouvem. Esses contos trazem várias diretrizes psicológicas que atuaram para trabalhar na formação do sujeito e seu entendimento de mundo, “[...] a leitura dos aspectos psicológicos que nessas histórias fazem eco na infância e a tentativa, a partir desses, de conjecturar por que as crianças as mantiveram vivas.” (CORSO e CORSO, 2006, p.26). Esses contos são selecionados através do tempo justamente pelo fato de conter elementos que as crianças conseguem ajustar no seu dia a dia para norteá-las nos entendimentos das questões subjetivas, o que fica de um conto para uma criança são pedaços dele que, de alguma forma, tocaram em sua subjetividade.

> O importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação da infância com as histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva à convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens (CORSO e CORSO, 2006, p.29).

## 2 A CRIANÇA NARRADA PELO CONTO

Bettelheim (1985) reforça a ideia de que a criança sabe que está em um mundo real, mas utiliza dos conteúdos reais que a vida lhe dá para construir seu mundo de fantasias e representar nele seus sentimentos e anseios que muitas vezes são extremamente difíceis de verbalizar de forma concreta como os adultos fazem

> A menininha deseja imaginar que é uma princesa vivendo num castelo e tece fantasias elaboradas de que o é, mas quando a mãe a chama para jantar, sabe que não o é. Ao mesmo tempo que um bosque num parque pode ser às vezes vivenciado como uma profunda e escura floresta cheia de segredos ocultos, a criança sabe o que ele realmente é, exatamente como uma menininha sabe que sua boneca não é realmente seu neném, por mais que a chame assim e a trate como tal (BETTELHEIM, 1985, p. 93).

Porém, é importante enfatizar que o conto de fadas, embora comece apontando características psicológicas da criança, como sentimentos de perda, rejeição, medo, ansiedade, nunca aborda a sua realidade física de forma objetiva e real. Por exemplo, nenhuma criança é deliberadamente abandonada numa floresta como João e Maria e encontra uma casa de doces. Esta característica e preferência por abordar o imaginado e não a situação real e contextual se dá porque uma semelhança física seria amedrontadora para a criança e "tocaria muito de perto para poder confortar, quando confortar é um dos propósitos dos contos de fadas" (BETTELHEIM, 1985, p. 90).

Entre as inúmeras histórias conhecidas, podemos destacar a de Chapeuzinho Vermelho que, por sua vez, já havia passado por inúmeras adaptações ao longo do tempo, mas será relatada apenas a adaptação que se volta inteiramente para o mundo infantil. Esse conto é conhecido basicamente por todas as crianças dos países do ocidente, nele se observa um marcante diálogo entre o lobo e a menina:

– Para que esses olhos tão grandes?

– Para te ver melhor, minha netinha.

– Para que estas orelhas tão grandes?

– Para te escutar melhor, minha netinha.

– E para que esta boca tão grande?

– Para te comer melhor, minha netinha!

Esse breve relato já é suficiente para deixar qualquer criança aterrorizada, mas a sua essência está para além deste diálogo. A menina recebe uma importante tarefa de sua mãe, que consiste em levar uma cesta com alimentos para sua avó que está doente e de cama. Para além, a mãe ainda fornece orientações para a menina a respeito de como se portar pelo caminho, ter muito cuidado para não cair e derramar o conteúdo da cesta e não se desviar do caminho. Nota-se que Chapeuzinho Vermelho estava a caminho da casa de sua avó e seguindo os conselhos de sua mãe, até encontrar o inesperado lobo em

seu caminho. Em um primeiro momento pode-se notar que a menina não manifesta nenhum medo ou receio do lobo, conversando com o animal de forma normal e até seguindo sua sugestão de colher algumas flores que estão pelo caminho.

Neste ponto, já se nota uma ingenuidade da menina, pois a mesma fornece sem hesitar seus planos de ir à casa da avó e o caminho que vai percorrer.

> O ardiloso animal elabora então um plano para devorar não uma, mas duas criaturas. Para isso precisa de tempo, então faz Chapeuzinho ver como o sol está lindo e quantas flores há para colher pelo caminho. A menina se entusiasma com a proposta, se distrai com as flores e admirando borboletas, e ele consegue chegar antes à casa da avó. (CORSO e CORSO, 2006, p.52).

Esse pequeno trecho narrado já tem um grande potencial de trabalhar na psique infantil o fato de a menina ter sido contagiada pelo princípio do prazer e de ser levada por ele quando decide colher as flores que tem pelo caminho, desviando-se do objetivo primário, que seria o de levar o lanche para a avó. É possível que ocorra uma elaboração na criança a respeito da não desconfiança em ceder informações a um desconhecido. A história narra a artimanha do lobo, demonstrando para a criança como não se pode confiar em todas as pessoas.

Em Rapunzel, uma história de uma jovem que é prometida a uma bruxa que, ao contrário das convencionais que se tem nas histórias, demonstra um amor por ela, não há o desejo de devorá-la (internalizá-la em si)ou de puni-la. Porém, apesar de todo esse amor, a madrasta não consegue aceitar dividir a bela jovem com a sociedade e, por causa desse amor narcísico (especular) tranca a jovem em uma torre, abandonando-a lá, dispondo-se a visita-la ordinariamente e a levar-lhe alimentos. Apesar de toda a preocupação da madrasta em proteger a sua filha do mundo, a menina conhece um jovem rapaz e dá passagem para o amor.

Assim temos a trama da jovem que joga suas tranças para ser vista por seu amado, mas acaba por entregar o acontecimento para sua madrasta através

de um ato falho: “Como é, boa mãe, que você é tão mais pesada que o jovem príncipe?” (CORSO e CORSO, 2006, p.64). A bruxa em nenhum momento se manifestou como tal, não fez nenhum feitiço, não amaldiçoou ninguém e nem matou ou baniu os verdadeiros pais da jovem, apenas se mostrou uma mulher controladora e narcisista, ao trancar sua filha em uma torre tirando-a do convívio do mundo e, mesmo no momento de fúria, a madrasta também não se comporta como uma bruxa, mas sim como uma mulher muito má: ela corta os cabelos e expulsa sua amada filha para o deserto, pois não suporta o fato de ter sido enganada. Já ao amante a filha, ela, após uma ardilosa emboscada, cega-o.

Nesse espaço do conto, pode-se notar uma figura materna que exerce um controle total sobre sua filha, o que traz uma reflexão sobre o filho ainda pequeno ser um falo para sua mãe, quando a madrasta perde esse lugar de única, ou seja, perde o lugar de único amor da filha. Visto que a jovem agora tem alguém além da mãe nesse mundo, a mãe perde esse lugar fálico.

> É por isso que, em psicanálise, se diz que o filho pequeno é um falo para a mãe, independentemente de que ele seja ou não dotado de pênis. É na condição de objeto de desejo para a mãe que ele se “faliciza”, assim como a perda desse lugar implicará uma castração, para mãe e filho. (CORSO e CORSO, 2006, p.81).

Em João e o pé de feijão, ocorre a aparição do personagem masculino como o malvado da história: um gigante ocupando o lugar do algoz. A figura da mãe perpassa por essa história como uma figura que já não consegue prover mais o alimento de seu filho, pois seu único meio de sustento, que era uma vaca, não é capaz de produzir mais leite, sendo assim, a mãe pede para o menino ir negociar a vaca. O menino, por sua vez, sugeriu que poderia trabalhar, mas como era conhecido por ser intolerante e mal-educado, sua mãe argumentou que ninguém o contrataria. João então sai para vender a vaca e faz um negócio peculiar, troca o animal por um punhado de feijões e uma promessa de que eles seriam mágicos. Ao chegar em casa, sua mãe o castiga por essa ingenuidade,

não permitindo que ele coma antes de ir dormir, e joga os feijões pela janela. Neste pequeno ponto da história, já é notório que acontece um descontentamento entre mãe e filho, a mãe por ter um filho desmiolado e inútil, já o menino que não tinha alimentos também não pode estar muito satisfeito com a mãe.

> Em várias versões, ele é um inútil desmiolado, como se não bastasse, mostra-se ainda mais tolo a partir do mau negócio que faz. Enfim, tudo começa com uma grande desilusão de parte a parte. Decididamente, João está longe de ser o que sua mãe espera dele. O contrário também ocorre, pois mãe e filho passavam fome, então certamente João não andava satisfeito com sua nutriz. O desencontro já estava dado, em casa já não havia muito para esperar, ao menino só restava partir para negociar com o destino e tentar obter o que necessitava fora de casa (CORSO e CORSO, 2006, p.150).

Na introdução à obra de Bettelheim (1985), os autores fazem uma correlação entre o leite materno e o fato de a vaca parar de dar leite, ou seja, demonstrando um crescimento da criança para o mundo, “porém, para crescer, é preciso perder as vantagens de ser pequeno, como o leite do seio materno representado pela vaca.” (CORSO e CORSO, 2006, p.149). Desta forma é notável que a história percorre um momento de distanciamento entre a mãe e o filho, a possibilidade de um rompimento que surge devido as circunstâncias reais da vida adulta, a criança agora crescida se distancia do que seria primeiramente considerada ‘sua primeira e única fonte de alimento’ e tem que se alimentar daquilo que o mundo presente e real lhe dá.

> Quando a boa vaca leiteira Branca, que fornecia todo o necessário, repentinamente para de dar leite suscita vagas lembranças da época trágica em que o fluxo de leite cessou para a criança, quando foi desmamada. É a época em que a mãe solicita que a criança aprenda a se arranjar com o que o mundo externo lhe pode oferecer. Isto é simbolizado pelo fato da mãe enviar João ao mundo para conseguir algo (o dinheiro que esperam obter pela vaca) que os sustente. Mas a crença de João nos fornecimentos mágicos não o prepara para enfrentar o mundo de forma realista. Até então a Mãe (a vaca, na metáfora

> do conto) fornecera todo o necessário e agora não o faz mais (BETTELHEIM, 1985, p. 260).

Sendo assim, mais adiante, o pai é apresentado em três etapas na história, o açougueiro, o bom cavalheiro pelo relato da fada e o gigante. O açougueiro é aquele que demarca o momento de separar o filho do seio da mãe, prometendo-lhe algo em troca, algo não muito palpável, um caminho que além de obscuro deve ser percorrido sozinho pelo menino. Esse pai então demarca a castração do filho em relação a seu objeto primário que é a mãe. Em seguida, temos o pai apresentado pela fada, esse um bom cavalheiro que teve seus tesouros roubados pelo gigante, tesouros esses que pertencem por direito a João, mas para conquistá-lo o menino deveria enfrentar o desafio de vencer o gigante, como seu pai outrora vencera os desafios da vida. Resta ao menino, então, o exemplo deixado pelo pai morto. Por último, mas não menos importante, a figura do gigante que, por sua vez, representa o pai tirano, aquele que possui inúmeros bens, incluindo a mãe, mas que de forma alguma irá reparti-los com o jovem. Demonstra então, um pai primitivo na visão da criança, aquele que detém tudo e todo o saber a voz inquestionável dentro do reinado.

Dessa forma, o conto de fadas sempre tem seu início demarcado por um contexto mundano e simples que de repente é arrebatado por situações fantásticas. Porém, por mais que ocorram desvios e sonhos fabulosos, o processo da história não se perde. A criança é levada em uma viagem por um mundo mágico, mas ao chegar no ponto final deste passeio, a história lhe devolve a realidade de forma segura e palpável.

> No final o conto devolve a criança à realidade, da forma mais reasseguradora possível. Isto lhe ensina o que mais necessita saber neste estágio de desenvolvimento: que não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco, desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente. No final da estória o herói retorna à realidade - uma realidade feliz, mas destituída de mágica (BETTELHEIM, 1985, p. 92).

Baseado nisto, podemos observar a necessidade do contato da criança com os contos de fadas, pois como enfatizado por Bettelheim (1985):

> Se uma criança ouve apenas estórias realistas (o que significa falsas para partes importantes de sua realidade interna), então pode concluir que muito da sua realidade interna é inaceitável para seus pais. Muitas crianças se alheiam assim de sua vida interna, e isto as esvazia. Em consequência, pode mais adiante, como adolescente, não mais sob o jugo emocional de seus pais, vir a odiar o mundo racional e escapar inteiramente para um mundo de fantasia, como que para compensar o que perdeu na infância. E isto numa idade mais adulta, numa ocasião em que tal implicaria um severo rompimento com a realidade, com todas as consequências perigosas que traria para o indivíduo e a sociedade. Ora, menos grave, a pessoa pode manter este encapsulamento de seu eu interior por toda a vida, e nunca se sentir plenamente satisfeita no mundo porque, alienada dos processos inconscientes, não pode usá-los para enriquecer sua vida real (BETTELHEIM, 1985, p. 94).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo revisar a discussão teórica a respeito do processo de subjetivação infantil perante a influência dos contos de fadas, sendo assim, foi encontrado claramente uma forte ligação entre a literatura infantil e a Psicanálise. Além disso, foi possível enfatizar que os contos de fadas têm o potencial de trabalhar a subjetividade infantil, ajudando-a com suas demandas e clarificando para a criança sensações e sentimentos que são de difícil entendimento. A criança, como se encontra em processo de formação física e mental, pode apresentar dificuldades para entender os sentimentos e as emoções e é justamente nesse momento que os contos de fadas vão ser indispensáveis para ajudar a orientá-la.

Com o decorrer dos estudos e dos esforços para compreender tal tema, fica claro como os contos têm uma ligação com o inconsciente da criança e, consequentemente, uma influência com a formação da subjetividade. Assim, os livros e artigos selecionados para esse trabalho confirmaram a hipótese que os

contos têm um poder para orientar a criança em detrimento de suas demandas, suas dores e seus anseios. Fica claro que ocorre uma identificação psíquica com os personagens dos contos de fadas, cabendo ressaltar que essa identificação não está apenas na visão do herói, mas também uma identificação com o vilão e com personagens coadjuvantes das histórias, em suma, com qualquer personagem que aparece nos contos de fadas com potencial para trazer algum ensinamento para a criança, basta que a criança esteja passando por um momento que se assemelha com o momento do personagem na história.

Com o auxílio dos contos, o processo de desenvolvimento psíquico infantil fica mais rico, os contos têm um valor inestimável devido à sua capacidade de enriquecer o entendimento da criança em relação ao mundo que está à sua volta, pois a influência das narrativas vai nomear os sentimentos que a criança ainda não consegue distinguir, e por muitas vezes não consegue entender.

Pode-se dizer, que com as narrativas dos contos, as emoções infantis se unem às emoções e sentimentos emanados pelo herói, desta forma cria-se um potencial de proporcionar uma catarse emocional que vai ajudar na formação da subjetividade, formação essa que está diretamente ligado os contos e os personagens do mesmo.

Dessa forma, é perceptível que os contos de fadas têm seu papel na formação do sujeito. As consequências de uma narrativa para a criança têm o potencial de perdurar por toda a vida, pois é através dessa primeira narrativa que a criança vai começar a entender sobre determinado sentimento, ou seja, pode-se comparar esse fato como a colocação de uma pedra angular na estrutura, aquela pedra que vai representar toda a formação da construção e todo o projeto estará norteado por aquela pedra.

Por óbvio o trabalho não esgotou todo o tema e nem era a pretensão do mesmo, pois é nítido que o tema é amplo e requer anos de estudo e dedicação para ter um melhor conhecimento do assunto, sendo assim, a continuação posterior deste trabalho seria de grande avanço para a ciência e para um melhor

tratamento e entendimento psicanalítico sobre as questões da formação do inconsciente.

## THE PROCESS OF CHILD PSYCHIC SUBJECTIVATION UNDER THE INFLUENCE OF FAIRY TALES

## ABSTRACT

This article has Psychoanalysis as theoretical basis, known for being established as a therapeutic method, created by Sigmund Freud, used by psychoanalysts to perform interpretations of unconscious, conscious and imaginary issues. The research was developed through a bibliographic review on the process of psychic subjectivation of children under the influence of fairy tales, establishing as the central object of research the psychic identification of children with the characters and narratives of fairy tales. In this way, it was sought to problematize the child psychic world in order to understand how the formation of the child psychism occurs as a result of the influence of fairy tales, since the tales are full of deep meanings that contribute to the development of feelings and emotions in children. How these tales that bring witches, heroes, villains, wolves, gods, demons, among other mythical beings can and certainly do contribute to the formation of subjectivity and help in the development of the child's feelings. Thus, throughout the work, we address how children can, through the help of fairy tales, identify with the feelings that the characters present. It is worth mentioning that the literary tales have the ability to stir the subject's imagination where many put themselves in the place of the villain in some moments, but also of the hero in others. All this movement works the imaginary of the human being and when this human being is still with his imaginary in training, the pairings of feelings can be discovered by the same, having then the child reaching a better understanding about the feeling or even seek a shelter in the own.

**Keywords:** Fairy tales. Psychoanalysis. Children.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, H. C. **Utilização de contos de fadas e atividades simbólicas na compreensão de crianças vítimas de violência**. São Carlos: UFSCar, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CORSO, M. e CORSO, N. **Introdução**. In: BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, K. T. V. M. O uso da narrativa dos mitos gregos como um instrumento terapêutico na psicanálise. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 90-101, jun. 2013.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria** (1893-1895) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. V. II. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. **História de uma neurose infantil** (1918[1914]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA-ROZA, L. A. **Palavra e verdade na filosofia antiga e na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1966). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SILVA, G. P. **Novos aspectos da psicanálise**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.